

Nunes, Naidea Nunes, 2019, “Variação Sociocultural de Alguns Regionalismos Madeirenses na Comunidade de Fala do Bairro da Nazaré (São Martinho, Funchal)”, *Translocal. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas. Modernidades*, nº 2, 253-269. ISSN 2184-1047.

Variação Sociocultural de Alguns Regionalismos Madeirenses na Comunidade de Fala do Bairro da Nazaré (São Martinho, Funchal)

Naidea Nunes Nunes

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Universidade da Madeira/UMa-CIERL

naidean@staff.uma.pt

Resumo: Depois da realização de alguns inquéritos léxico-semânticos sobre alguns regionalismos madeirenses, no centro do Funchal e noutros concelhos rurais da Madeira, surgiu o interesse em fazer um trabalho semelhante num contexto considerado de periferia social, neste caso no Bairro da Nazaré (BN), freguesia de S. Martinho, no Funchal. Trata-se de um estudo dialetal com contributos da sociolinguística, numa perspetiva sociocultural desta comunidade periférica pouco afastada do centro do Funchal, no âmbito do Português falado no Arquipélago da Madeira. Este artigo tem um carácter exploratório, possibilitando fornecer informações parciais e colocar hipóteses, a partir dos dados apresentados. Os informantes da nossa amostra nasceram no Funchal, em diferentes freguesias deste concelho, mas os seus pais e/ou avós, na sua maioria, são provenientes de localidades rurais da ilha da Madeira, o que poderá explicar o facto de alguns falantes conservarem regionalismos madeirenses como parte da sua identidade local e regional. As mulheres das três faixas etárias consideradas conhecem mais regionalismos do que os homens, tendo um comportamento linguístico mais conservador, provavelmente devido ao seu papel tradicional na comunidade e ao facto de não estarem inseridas na vida ativa. Os homens fornecem mais significados não documentados, ou seja, diferentes aceções não-padrão dos regionalismos e um deles, que trabalha fora do BN, no Funchal, é o que indica mais significados da norma padrão, no caso dos regionalismos semânticos. No que se refere à idade, como era de esperar, os falantes mais jovens são os que menos regionalismos conhecem. A variável escolaridade mostrou-se pouco relevante, bem como o fator localidade, uma vez que existem diferenças pouco significativas entre os falantes. Assim, através da variação lexical e semântica de alguns regionalismos madeirenses, o BN revela-se um espaço simultaneamente de conservação e de inovação linguística.

Palavras-chave: Regionalismos madeirenses; Dialectologia; Sociolinguística; Linguística sociocultural; Português falado no Arquipélago da Madeira.

The most useful service which linguists can perform today is to clear away the illusion of ‘verbal deprivation’ and provide a more adequate notion of the relations between standard and nonstandard dialects.

William Labov, *The Logic of Nonstandard English*

A Dialetoлогия estuda os regionalismos enquanto traços característicos de uma determinada região, dialeto ou variedade geográfica de uma língua. No caso do léxico, trata-se de vocabulário não-padrão que se distingue do utilizado na norma do Português Europeu (PE), aceite como sendo a língua falada na capital, ou seja, o dialeto de Lisboa. Celso Cunha e Lindley Cintra (1984) definem norma como “conjunto dos usos linguísticos das classes cultas da região Lisboa-Coimbra”. No entanto, Rita Marquilhas (2002) afirma que a língua padrão em Portugal, aquela que a escola, a televisão, a rádio e os jornais difundem, é a variedade de Lisboa, mencionando que, há décadas atrás, devido ao prestígio ancestral da Universidade de Coimbra, considerava-se que a língua padrão era a variedade de um eixo imaginário Lisboa-Coimbra. Mateus e Cardeira (2007: 21) definem a norma como “a modalidade linguística escolhida por uma sociedade, enquanto modelo de comunicação. É, portanto, um modelo ou uma variedade padrão “supradialetal”, escolhida pelo seu prestígio cultural, geralmente por corresponder à língua falada na capital, centro político e socioeconómico do país ou de uma região”, como acontece a nível regional, com o Português falado na cidade do Funchal, capital do arquipélago da Madeira.

O termo regionalismos denomina realidades linguísticas, sobretudo léxico-semânticas, características de uma região, como o próprio nome indica. Porém, os regionalismos podem também ser vistos como vocábulos de várias regiões dialetais dentro de um território, como é o caso de Portugal, tendo em comum o facto de não pertencerem à norma padrão da língua, neste caso o PE. Deste modo, muitos dos regionalismos madeirenses não são exclusivos da Madeira. Pois, podemos encontrar o mesmo vocábulo em Trás-os-Montes, no Minho, nas Beiras, no Algarve, nos Açores e mesmo em Cabo Verde, em S. Tomé e Príncipe e no Brasil. No entanto, nem sempre uma unidade lexical apresenta o mesmo significado nas diferentes áreas geográficas onde a Língua Portuguesa é falada, tendo aceções variadas, por especificação ou por generalização de significado, por analogia ou outros processos cognitivos, entre outras questões teóricas que a análise da variação lexical coloca ao investigador.

Todavia, alguns regionalismos são exclusivamente madeirenses, estando relacionados com realidades históricas, geográficas e etnográficas ou socioculturais que só existem no arquipélago da Madeira, por exemplo: *trapiche*, *bolo do caco*, *bonecas de massa*, *carne de vinho e alhos*, *mel de cana*, *bolo de mel*, *poncha*, *milho frito*, *molho vilão*, *niquita*, *pé de cabra*, *rebuçados de funcho*, *brinco* e/ou *brinquinho*. Segundo Rebelo e Nunes (2016), estas palavras podem ser: arcaísmos (como *trapiche*, palavra antiga que

ganhou novos significados); neologismos regionais (como *semilha*, que é um empréstimo do Espanhol); empréstimos ou estrangeirismos (sobretudo do Espanhol e do Inglês, mas também do Francês, como *tratuário* ou *trotoário*); populismos, ou seja, palavras usadas pelo povo (como *broquilho*, sinónimo de *vilão*, neste caso termo aplicado às próprias camadas populares, denominando uma pessoa do meio rural); regionalismos correntes ou usuais, por serem usados também na cidade do Funchal (como *bilhardeiro/a*, correspondendo ao Português padrão *coscuvilheiro/a*).

Neste estudo, pretendemos apresentar uma perspetiva de articulação da Dialetoлогия com a Sociolinguística, tendo em conta os conceitos de: comunidade, fatores extralinguísticos (geográficos e socioculturais, que são importantes na análise da variação lexical), prestígio linguístico e redes sociais, estabelecendo correlação entre variáveis linguísticas e variáveis socioculturais. Centrâmo-nos no Bairro da Nazaré (BN), para conhecermos a origem da sua população e o (re)conhecimento de alguns regionalismos madeirenses na língua falada nesta comunidade, enquanto variedade urbana. Este bairro social, na freguesia de S. Martinho, concelho do Funchal, cujo ponto central se aproxima da coordenada geográfica de 32°38'45"N e 16°56'6"W, é um conjunto habitacional construído entre os inícios da década de 80 do século passado e o ano de 2001, sendo constituído por 1500 habitações. Segundo os censos de 2011, da Direção Regional de Estatística da Madeira, no bairro vivem 4473 pessoas – 53% do sexo feminino e 47% do masculino –, na sua maioria em idade adulta (59%), e com uma percentagem de 10% para crianças, entre os 5 e os 13 anos, 17% para adolescentes e jovens e 10% correspondente a idosos. Do total de habitantes, 917 encontram-se a frequentar uma instituição de ensino, que varia entre o 1º ciclo do ensino básico (23%) e o curso universitário (15%). No que respeita aos restantes moradores, 7% são iletrados (não sabem escrever nem ler), sendo que a maior parte ficou-se pelo 1º ou 2º Ciclo do Ensino Básico – 33 e 22% respetivamente – e apenas 5% possui curso superior. Quanto à situação laboral, 38% dos habitantes encontram-se empregados e 36% não possuem atividade, tendo as categorias de desempregado e de pensionista ou reformado 13% cada uma.

O bairro, organizado como um polígono irregular, é composto por uma multiplicidade de prédios de habitação, fracionados em apartamentos de tipologia variada, com pequenos espaços verdes, tais como pequenos parques infantis e jardins para convívio da população. A localização e organização geográfica do bairro faz com que este não seja um bairro fechado, pois não está muito distante do centro do Funchal, sendo servido por uma boa rede de transportes públicos. Além disso, o bairro alberga vários

organismos e mesmo instituições que contribuem para a abertura da comunidade, por exemplo: o Centro Comunitário de S. Martinho, o Clube Amigos do Basquete, o Projeto Reinventa, o Projeto OLHO.TE, a Biblioteca, a Casa do Povo e Centro de Dia, o Centro de Saúde, farmácias, supermercados, cafés, escolas (níveis pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico), Igreja da Nazaré, Acaporama (Associação de Casas do Povo da RAM).

A identidade deste bairro, como a de outros bairros sociais, reside sobretudo no seu nível socioeconómico: área de residência de classes trabalhadoras pobres com carências sociais e desemprego. A classe social deste grupo funciona como fronteira social, em relação às outras comunidades envolventes. Dentro do bairro existe uma divisão em Nazaré de cima e Nazaré de baixo, que também funciona como fronteira social, respetivamente de classe social mais pobre e classe média baixa. Os organismos locais contribuem para que haja uma rede social mais forte com maior integração, fazendo com que as pessoas sejam mais solidárias, conhecendo-se como da parte de cima ou de baixo, da rua tal, logo desenvolvendo uma maior consciência de comunidade. Os nossos inquéritos não dão conta da diversidade étnica do bairro, no que diz respeito sobretudo aos africanos e aos ciganos, dado que inquirimos apenas os falantes nativos da ilha da Madeira, devido às características e objetivos do estudo.

1. Enquadramento teórico

Os estudos de comunidade, primeiramente, estão associados aos trabalhos de investigação em etnografia. Como escreve Dias (1984: 7), “A unidade ideal, que reúne um conjunto de condições que poderemos considerar ótimas para o trabalhador das ciências sociais, é a ‘comunidade’”. Por comunidade, entendemos “um grupo local integrado por pessoas que compartilham um território bem definido, as quais estão ligadas por laços de intimidade e convívio pessoal, e participam de uma herança cultural comum”. O autor acrescenta: “Os membros de uma comunidade podem constituir um grupo mais ou menos numeroso; e estão ligados por laços de parentesco, convívio e interesses comuns, o que lhes dá o sentimento de participarem de um destino comum”. Para Dias (1984), a cidade é uma comunidade, mas o seu desenvolvimento e expansão impossibilita que os indivíduos estejam ligados por laços de intimidade ou convívio pessoal, o que ainda acontece dentro de alguns bairros urbanos, por exemplo, o da Nazaré que é um microcosmo dentro do macrocosmo da cidade do Funchal. Os chamados bairros sociais, independentemente da sua dimensão geográfica e populacional, são constituídos por comunidades mais ou menos homogêneas do ponto de vista económico.

Segundo Dias (1984: 9), uma comunidade caracteriza-se, em primeiro lugar, pela definição dos seus limites. Não só os indivíduos que a constituem têm noção clara desses limites, como o estranho que a olha do exterior. A segunda característica é a homogeneidade sociocultural, ou seja, “pode dizer-se que os indivíduos dos diferentes sexos, quando pertencem aos mesmos grupos etários têm atividades e atitudes mentais semelhantes”. O autor explica que “como todos os indivíduos estão mais ou menos associados por processos de interação permanente, resulta que uns podem participar nas experiências vividas dos outros, acabando por se estabelecer com o tempo uma homogeneidade perfeita de ações, sentimentos e pensamentos”. De acordo com o autor, numa comunidade há um sentimento de unidade que é partilhado pelos seus membros, pois, em geral, dizem “nós fazemos”, “nós somos assim”, “como se as ações e as qualidades de cada indivíduo fossem praticamente as mesmas e diferentes das dos de outras localidades ou regiões.” (DIAS, 1984: 10).

A Sociolinguística laboviana parte da realização de uma entrevista, à semelhança da entrevista etnográfica, para recolher a variação linguística existente numa determinada comunidade de fala, relacionando-a com os fatores de variação social: sexo, idade e escolaridade (associada ao nível socioeconómico). Labov (1972) afirma que não podemos pensar numa atividade linguística que não seja social. Por isso, os estudos sociolinguísticos partem da noção de comunidade de fala como grupo que partilha um mesmo sistema normativo de valores no uso e avaliação dos fenómenos linguísticos. Labov explorou a hipótese do conflito entre o que denominou “orientação para a identidade” e “orientação para o prestígio”, no seu estudo sobre a ilha de Martha’s Vineyard. O motivo da escolha desta comunidade por Labov foi o facto de ser uma unidade autónoma, separada do território continental, tal como a Madeira, com uma identidade linguística própria. No entanto, no caso dos bairros sociais, estes integram-se na cidade do Funchal, capital da ilha da Madeira, embora bem delimitados social e geograficamente, participam da sua identidade. O conceito de comunidade de fala é amplo, tanto no estabelecimento de limites geográficos como sociais. O termo pode referir-se a grandes ou a pequenas comunidades, urbanas ou rurais, bairros e subgrupos sociais. Assim, na pesquisa sociolinguística, o que se procura estudar é o grupo de indivíduos e não o indivíduo tomado isoladamente. Pois, como nos diz Labov (1972), o vernáculo é propriedade de um grupo e não de um indivíduo, isto é, a primeira forma de linguagem adquirida e usada de forma natural entre falantes de um mesmo grupo social.

Neste estudo, não realizámos entrevistas sociolinguísticas, mas aplicámos questionários léxico-semânticos sobre alguns regionalismos madeirenses, para observarmos se estes são (re)conhecidos pelos informantes, enquanto comunidade de fala. Pois, de acordo com Guy (2001), os membros desta comunidade compartilham traços linguísticos comuns, que permitem atribuir-lhes uma identidade social e local, visto que comunicam mais entre si do que com outros e isso conduz à manutenção das suas características linguísticas. Deste modo, uma comunidade de fala compartilha normas e atitudes de uso da linguagem, ou seja, posicionam-se diante dos diferentes modos de falar, não só marcados pelas suas diferenças de fronteiras geográficas, mas também pela delimitação de fronteiras sociais, tais como a escolaridade e o nível socioeconómico que, em geral, estão correlacionados. No entanto, os membros de uma mesma comunidade de fala tendem a apresentar comportamentos linguísticos distintos, conforme o conteúdo das interações e a situação de comunicação, porque as pessoas não falam sempre da mesma maneira. A variação linguística reflete a necessidade de as pessoas serem vistas como iguais às outras em algumas situações ou como diferentes noutras, condicionando o seu discurso de acordo com essa necessidade.

2. Metodologia de trabalho

O questionário lexical e semântico que aplicámos é constituído por quarenta vocábulos, coletados anteriormente, no decorrer de várias situações espontâneas de fala e na realização de outros inquéritos e de entrevistas linguístico-etnográficas em diferentes localidades da ilha da Madeira. O objetivo principal, como já dissemos, é testar o seu (re)conhecimento na cidade do Funchal, mais precisamente no BN. A primeira parte do inquérito consiste na identificação sociocultural dos informantes: sexo (M mulher ou H homem), idade (faixa etária A dos 18 aos 35 anos, B dos 36 aos 55 anos e C dos 56 aos 75 anos), escolaridade (básica, secundária e superior), naturalidade (dentro da ilha da Madeira, inclusive dos pais e dos avós), profissão e contactos linguísticos. Segue-se o questionário propriamente dito, pedindo o significado da palavra (quando conhecida) e exemplos de uso (no caso de o informante utilizar a palavra, confirmando o seu significado, dados não utilizados neste estudo). O questionário foi preenchido por 42 informantes da comunidade de fala em estudo, estratificados por variáveis sociais (sexo, idade e escolaridade), além da naturalidade ou localidade de origem dos inquiridos, considerando como membro da comunidade de fala os nativos da localidade, mas também os residentes no bairro com origem em diferentes freguesias da ilha, dado que o BN só

existe desde 2001. Nem sempre foi possível a estratificação social, no que se refere à escolaridade, uma vez que a maioria dos informantes da faixa etária A e B apresentam baixa escolaridade.

Os inquéritos foram aplicados em setembro e outubro de 2015, em diversos lugares do BN: Centro de Dia da Casa do Povo (para os idosos), cafés e Centro de Saúde (para os adultos) e Associação Reinventa (para os jovens), em função dos espaços de encontro das diferentes faixas etárias. Muitos dos inquéritos, realizados junto da população do bairro, contaram com a ajuda de um animador social e artístico da Associação OLHO.TE, que surgiu no próprio bairro, com o objetivo de valorização e integração social da população local, dentro e fora do bairro. Apesar de deverem ter sido selecionados 18 informantes, de forma a garantir a representatividade sociolinguística da amostra, optámos por limitá-la a 6 informantes, contemplando representantes dos dois géneros, das três faixas etárias e níveis de escolaridade, sendo que, neste caso, os níveis de escolaridade são coincidentes por faixas etárias, tendo os mais jovens apenas o ensino básico (9º ano) e estando em situação de desemprego. Esta opção deveu-se ao facto de termos muitos dados qualitativos sobre as 40 palavras testadas, sendo pertinente descrever e analisar os materiais léxico-semânticos recolhidos. Trata-se, assim, de um estudo da variação sociocultural do léxico e não tanto de variação sociolinguística. Embora fosse fundamental alargar este estudo a mais informantes para confirmar os resultados obtidos, estes parecem ser representativos da realidade linguística e sociocultural do BN.

Tal como na área mais vasta da cidade do Funchal, confirma-se que muitos dos residentes no bairro são descendentes de indivíduos que provieram de áreas rurais. Nesta amostra, todos os informantes são naturais do Funchal (de diferentes freguesias – S. Martinho, Monte, S. Pedro e Sé), sendo os pais e/ou avós de fora da chamada “cidade” (pelo facto de o Funchal ter sido a primeira e a única cidade do arquipélago durante muito tempo), mantendo contactos linguísticos com familiares do meio rural, o que releva o controlo da variável geográfica, além das variáveis sociais. Todavia, o informante 2 não indicou a naturalidade dos pais e/ou avós, como podemos ver na Tabela 1, em contactos linguísticos com áreas rurais.

Tabela 1: Perfil de seis informantes do BN

Informante	Sexo e idade	Escolaridade	Localidade		Contactos linguísticos com áreas rurais
			Naturalidade	Profissão e local de trabalho	

1	M 19	9.º ano	S. Martinho Funchal	Desempregada BN	Pai natural de Santana
2	H 24	9.º ano	S. Martinho Funchal	Desempregado BN	-
3	M 50	6.º ano	Monte Funchal	Doméstica BN	Pai natural de S. Vicente
4	H 48	6.º Ano	Monte Funchal	Eletricista Funchal	Pai natural do Faial e mãe de Câmara de Lobos
5	M 74	4ª classe	S. Pedro Funchal	Reformada BN	Pai natural de Machico e mãe do Estreito da Calheta
6	H 60	4ª classe	Sé Funchal	Mecânico BN	Avós de Machico

3. Descrição e análise dos dados qualitativos

As respostas dos seis informantes, obtidas no questionário, aos 40 vocábulos testados, com os respetivos significados, constituem o nosso *corpus* de análise léxico-semântica. Procedemos ao seu estudo, através da comparação das respostas dos inquiridos com as definições dadas nos vocabulários madeirenses consultados, aferindo os regionalismos conhecidos que apresentam os significados averbados, os conhecidos mas com outras aceções não documentadas, os desconhecidos (sem resposta) e os reconhecidos apenas com os significados da língua ou norma padrão, no caso dos regionalismos semânticos.

Os regionalismos mais conhecidos, que todos os informantes (re)conheceram e deram o mesmo significado ou significados afins, foram: **Abicar(-se)** como “jogar(-se)”, correspondendo a “precipitar-se; suicidar-se” (Silva 1950) e “precipitar (pessoa ou coisa)” (Sousa 1950); **abuseirado/embuseirado** como “estar (sempre) sentado ou deitado”, registado “*emboseirar*, acumular cousas sem nexos. O tomar assento como uma pessoa muito gorda. Estar estendido a descansar” (Silva 1950), “*bozeira*, indivíduo mole” (Sousa 1950), “*embuzeirar* diz-se de pessoa muito nutrida quando se senta” (Pestana 1970) e “*boseira*, indivíduo sem ação para trabalhar” (Caldeira 1993); **azougar/azoigar/azagar** como “morrer”, conforme averbado, “*azoigar* ou *azougar*, morrer (falando dos animais)” (Silva 1950, Sousa 1950 e Pestana 1970); **busico/buzico**, “menino, miúdo, pequeno, criança”, “canalha” e “pessoa pequena”, averbado como “cousa

pequena, criança” (Silva 1950), “pequeno (criança, animal ou coisa)” (Sousa 1950), “cão pequeno, criança pequena” e “*busica de nada*, porção muito pequena de qualquer coisa” (Pestana 1970), “curto, pequeno” (Caldeira 1993); **cachada**, “rabo, cú, nádega, parte do cú, parte do rabo, coxa” e “bochecha”, sem nenhum registo nos vocabulários madeirenses; **cangueira**, “músculo preso, dor na perna, dor muscular, tendões presos”, registado como “cãibra” (Silva 1950, Sousa 1950, Pestana 1970 e Caldeira 1993); **cieiro**, “sujo e sujidade”, que surge nos vocabulários madeirenses como “termo genérico da sujidade que se cria no corpo das pessoas” (Pestana 1970) e “sujidade do corpo, o mesmo que *ceról*” (Caldeira 1993); **cuscuzeiro**, “utensílio de cozinha de cozer arroz”, de “*cuscus*, massa granulada feita de farinha de trigo, que se utiliza geralmente como arroz” (Sousa 1950, Pestana 1970 e Caldeira 1993); **dente/dentinho**, “petisco, aperitivo, acompanhante de bebida”, consoante registado em Silva (1950), Sousa (1950), Pestana (1970) e Caldeira (1993); **embeijado**, “pessoa sem dinheiro, teso”, averbado como “desgostoso, falta de recursos, sem dinheiro” (Silva 1950, Sousa 1950 e Caldeira 1993); **embolajar/abolajar**, “esmagar, amassar, espalmar, estragar, amolgar, destruir”, registado como “*abolajar*, achatado, amolgar” (Sousa 1950 e Caldeira 1993); **furado**, “túnel”, conforme Silva (1950), Sousa (1950), Pestana (1970) e Caldeira (1993); **grogue/meio grogue**, “medida de bebida alcoólica”, “bebida (pequena)”, “aguardente” e “meio-bêbado”, averbado como “pequeno copo de aguardente”, juntamente com a forma “*grogada* (do inglês *grog*) aguardente” (Silva 1950, Pestana 1970 e Caldeira 1993); **joeira (de papel)**, “papagaio (de papel)”, “brinquedo (de papel)” e “voar”, correspondendo a “papagaio de voejar à feição do vento” (Silva 1950, Sousa 1950, Pestana 1970 e Caldeira 1993); **maltrapichado**, “mal vestido”, “mal arranjado”, mas também com o significado de “travesso, louco”, sem registo nos vocabulários madeirenses consultados; **renheta**, “pessoa irritante, mal disposto, mal-humorado, rabugento” e “chateado”, averbado como “*renhim* e *renhinha*, pessoa muito impertinente que está sempre a *renhir* (zangar-se)” (Silva 1950, Sousa 1950, Pestana 1970 e Caldeira 1993); **semilha**, “batata, legume”, vocábulo registado em Silva (1950), Sousa (1950), Pestana (1970) e Caldeira (1993); **tratuário/trotoário**, “passeio”, mas também “chão, berma da estrada e caminho”, revelando uma tendência para a generalização do sentido da palavra, por extensão semântica, enquanto outros informantes definiram a palavra como “passadeira”, por analogia ou contiguidade com “passeio”. Pestana (1970), provavelmente por confusão, diz que “passeio”, no continente, se chama *trottoir*, adicionando a nota “[Registo provavelmente anterior a 1925]”, quando queria dizer que *trottoir* é “passeio”, na norma padrão. Caldeira (1993) documenta a forma “*tróituario*,

passeio existente nas artérias”, informando supor-se derivado do francês *tróitoir*, e dá um exemplo de uso: “*Menina venha p’ra cima do troituario por causa dos carros*”. O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* averba *tratuário* como regionalismo madeirense – variante popular de “passeio”.

Quanto aos vocábulos (re)conhecidos pela maior parte dos inquiridos, com um mesmo significado ou com significados afins, temos: **açacanhhar/assacanhhar** como “pisar, apatanhar, patinhar (a terra)”, “massacrar, fazer mal a outra pessoa, lixar” e “irritante” (alguém que está sempre a massacrar), documentado com o significado de “pisar com os pés” (Sousa 1950), podendo ser deturpação fonética de *acalcanhar*, forma do Português padrão que apresenta os mesmos significados (cf. *Priberam*); **asservado**, “quieto, calmo”, “pessoa ajuizada, preservada”, “pessoa muito séria”, sendo apenas desconhecido pelo informante 2, correspondendo a “prudente, condescendente, bem comportado” (Silva 1950), por possível influência da palavra *asserenar* (Sousa 1950), de “*asservar*, ver ou compreender” (Caldeira 1993); **atrapichar** com os significados de “ser arrumada”, “ficar tonto, louco” e “asneirar”, apenas desconhecido pelo informante 2 e averbado em Silva (1950) como “acumular, arruinar, incomodado com muitos afazeres”, “*atrapchado*, carregado com *fraumentos*” (Pestana 1970), sendo que o primeiro significado fornecido pelos informantes está associado ao “acumular” e *atrapichado* é “atrapalhado”, com muita coisa, enquanto o segundo e terceiro significados estão associados a *trapiche* “casa de doentes mentais”, remetendo para *trapichado* ou *trapichento*; **bisalho/bizalho**, “pintainho, pinto, pintinho” e “pequeno” (o informante 4 acrescenta ainda o sinónimo “boceta”, calão, com o sentido de “vagina”), registado como “pequeno galináceo, cousa pequena, criança” em Silva (1950), “pintainho implume” (Sousa 1950 e Pestana 1970) e “vagina de criança” (Caldeira 1993); **burquilha/broquilha**, “pessoa que não tem jeito para falar”, “bruto”, “bronco, *vilhão*” (os informantes 2 e 4 indicam a aceção de “paneleiro, maricas” e o 1 desconhece esta palavra), em Silva (1950) com a forma “*borquilha*, indivíduo do campo de vestuário e maneiras pouco apuradas”, “imbecil, o mesmo que bronco” (Sousa 1950), “*bruquilha*, pessoa de modos muito bruscos” (Pestana 1970) e “estúpido, indivíduo de maneiras grosseiras” (Caldeira 1993); **corsa/corça**, “tábua de madeira para escorregar”, “transporte, carro de pau, carro de cesto”, “*corça*, veículo de arrasto destinado ao transporte de carga, e *corção*, corça grande” (Silva 1950 e Sousa 1950), sendo que Pestana (1970) regista ainda a forma *corçada*, com o significado de *corça*, e Caldeira (1993) explicita ser conduzida por “bois, mulas ou por sistema manual” (o informante 1 indica o

significado de “carroça” e o 2 desconhece o vocábulo); **emantado**, “doente”, averbado como “triste e sem movimentos, doente” (Silva 1950, Sousa 1950 e Caldeira 1993), apenas o informante 2 não reconhece a palavra; **engamoer/esgamoer**, “pessoa com fome”, documentado como “*esgamoando*, cheio de fome” (Caldeira 1993), sendo que os informantes 1, 4 e 6 forneceram outros significados, embora relacionados com o primeiro, respetivamente “comer rápido”, “pessoa gulosa” e “fome”, enquanto os informantes 2 e 3 desconhecem a palavra; **sovado/sovento**, “porco, ensebado, nojento e sujo” (apenas o informante 1 desconhece a palavra), registado em Silva (1950), juntamente com a forma *soventice*, “pouca limpeza, pouco asseio”, “surrado, gasto pelo uso (uma peça de vestuário)” e *suventice*, “sujidade no vestuário (possível corruptela de *sebentice*)” de “*suvento* (possível corruptela de *sebento*)” (Sousa 1950, Pestana 1970 e Caldeira 1993); **tentaréu/atentaréu**, “irrequieto, desinquieto” e “atentar outro”, averbado por Silva (1950) e Sousa (1950) como aquele “que atenta, que provoca, que incomoda”, que Pestana (1970) define como “apoquentador”, também atestado em Caldeira (1993) e apenas desconhecido pelos informantes mais jovens (1 e 2); **terçol**, “filho mais novo”, que Caldeira (1993) documenta com a forma *trossol* (os informantes 2 e 4 apenas indicam o significado padrão da palavra, “doença ocular”); **tertilho/entretelho**, “entreter, entretenimento, brinco, brinquedo e brincar”, Silva (1950) regista a palavra “*tertilheiro*, com modos fingidos para agradar”, enquanto Sousa (1950) define como “adulto ou criança com modos engraçados, que faz trejeitos” e Pestana (1970) averba a forma feminina *tertilheira* como “mulher fingida”, de *tertilho*, “qualquer objeto ou coisa com que as crianças se entretendam, brinquedo”, também em Caldeira (1993), sendo que apenas o informante 1 desconhece o vocábulo; **trapichado/trapichento**, “maluco, louco da cabeça, tonto”, de *trapiche*, “lugar onde se encontram os alienados do sexo masculino” (Caldeira 1993), apenas o informante 1 desconhece a palavra.

Os vocábulos reconhecidos apenas por metade dos informantes, sobretudo pelos mais velhos, com vários significados, foram: **bambote** “vendedor de bordados nos barcos” e “malandro” (aceção que terá surgido pelas circunstâncias de vida, talvez porque vivia no “calhau”, junto ao mar), registado como “pequeno barco com produtos regionais destinados a serem vendidos a bordo dos navios”, de “*bombote*, a venda a bordo dos vapores estrangeiros”, que surge juntamente com “*bomboteiro*, o homem que exerce o ‘bombote’” (Pestana 1970) ou *bamboteiro* de “bambote” (Silva 1950, Sousa 1950 e Caldeira 1993), sendo que o informante 6 define a palavra como “onde se amarra os barcos” (por analogia), enquanto os informantes 1, 2 e 4 desconhecem a palavra (o

Priberam regista *bomboteiro* como regionalismo madeirense); **papiar/papilar**, “pessoa falastrona, falar muito”, mas também com os significados de “motor de barco” (talvez por analogia com o barulho do falar muito, aceção que encontrámos na comunidade piscatória de Câmara de Lobos, juntamente com a alcunha *papilar*, “mulher que fala muito”) e “comer” (esta aceção poderá surgir por confusão com *papar*), palavra desconhecida pelos informantes 2 e 3 e sem registo nos vocabulários madeirenses consultados (o *Priberam* regista a forma verbal *papear*, de *papo* + *-ar*, com o significado de “conversar” e “falar muito”, indicando a forma *papiar*, como alteração de *papear*, para Macau, forma verbal antiga conservada na variedade de Santiago, no crioulo de Cabo Verde, e que deu nome ao crioulo *papiamento* das Antilhas holandesas); **quinar/quinado**, “deitar abaixo, apanhar, lixar, marcar”, registado como “dar-se mal” (Silva 1950), provavelmente forma reduzida de *inquinar* (do latim *inquinare*, “sujar, manchar, desvirtuar”), sendo que o informante 6 indicou o significado “ganhar” e o 4 “dobrar” (de *quina* + *-ar*); **quinau**, “(dar uma) opinião”, “intrometer-se na conversa”, conforme averbado, “*quinhau* ou *quenhau*, quinau, dar o seu parecer em qualquer assunto indiscretamente, opinião” (Pestana 1970 e Caldeira 1993), sendo que os informantes 1, 2 e 4 desconhecem a palavra; **sobressi**, “atrasado, doente mental, anormal, deficiente”, registado em Silva (1950) e Pestana (1970) como “indeciso, sem iniciativa, um pouco delirante na fala e nos movimentos” (nos Açores, a expressão *sobre si* significa “altaneiro, arrogante”, mas também “introvertido”, em S. Jorge, cf. Barcelos, 2008: 520), sendo que o informante 4 diz ser “passado do juízo”, enquanto o 1 e o 2 desconhecem a palavra.

Relativamente aos vocábulos e expressões com significados regionais desconhecidos por todos ou quase todos os falantes inquiridos, temos: **arriota** “cair numa partida, ratoeira”, apenas identificado pelo informante 3, que, em Pestana (1970), aparece como “*arriosca*, esparrela e temporal (no Caniçal)”, sendo que o *Priberam* regista a palavra *arriosca* como “intriga, logro e falcatrú”, mas também a palavra *arriota* no Brasil (com o significado de “trabalho para a obtenção do látex da seringueira”); **dar um amorzinho**, expressão identificada apenas com o significado padrão, “dar um carinho, beijo”, sendo que o significado regional é “deslocar ligeiramente o corpo ou qualquer objeto” (Sousa 1950, Pestana 1970 e Caldeira 1993); **poita**, apenas o informante 4 indicou “utensílio de amarrar”, correspondendo a “âncora de pequenos barcos” (Silva 1950 e Pestana 1970), enquanto o informante 6 definiu a palavra como “peixe” (por analogia) e os informantes 1, 2, 3 e 5 desconhecem a palavra (o *Priberam* regista a forma *poita* como variante de *pouta*, com a aceção de “peso que serve de âncora”, por isso, provavelmente,

será regionalismo madeirense apenas enquanto “rabo”, significado não mencionado pelos informantes, mas registado por Santos, 2013, por analogia com o peso que serve de âncora, quando nos sentamos); **stique**, sem registo nos vocabulários madeirenses consultados, mas averbado por Santos (2013: 116), com o significado de “bebedeira”, que o informante 4 diz ser “pessoa com defeitos”, sendo o que mais se aproxima do significado esperado (os informantes 5 e 6, os mais velhos, responderam “bengala”, enquanto os 1 e 2 desconhecem o vocábulo, que é um empréstimo do Inglês, e o 3 fornece como sinónimo *roll-on*, o significado padrão).

Na Tabela 2, podemos observar as frequências e percentagens dos vocábulos: conhecidos, ou seja, identificados com aceções e/ou como unidades lexicais regionais; conhecidos mas com outros significados não documentados; desconhecidos; com indicação do significado padrão da palavra (no caso dos regionalismos semânticos), por informante, destacando a negrito os valores dos regionalismos conhecidos (com aceções semelhantes às averbadas) e dos desconhecidos (sem resposta).

Tabela 2: Frequência e percentagem dos regionalismos conhecidos, conhecidos mas com outros significados, desconhecidos e com significados padrão

Regionalismos	Inf. 1 Nº/ %	Inf. 2 Nº/ %	Inf. 3 Nº/ %	Inf. 4 Nº/ %	Inf. 5 Nº/ %	Inf. 6 Nº/ %
Conhecidos	26 65%	23 57,5	33 82,5%	27 67,5%	33 82,5%	30 75%
Outros significados	2 5%	2 5%	2 5%	7 17,5%	4 10%	8 20%
Desconhecidos	11 27,5%	13 32,5%	3 7,5%	3 7,5%	2 5%	1 2,5%
Significados Padrão	1 2,5%	2 5%	2 5%	3 7,5%	1 2,5%	1 2,5%

4. Discussão dos resultados

Passamos a apresentar a discussão dos resultados obtidos, no que diz respeito à correlação existente entre a variação linguística, neste caso lexical e semântica, e os fatores extralinguísticos ou variáveis socioculturais controladas, no (re)conhecimento dos regionalismos madeirenses em estudo.

a) Variável Sexo

No que concerne à variável sociocultural sexo, como podemos verificar na Tabela 2, as mulheres conhecem mais regionalismos do que os homens, nas três faixas etárias, revelando um comportamento linguístico mais conservador. O maior (re)conhecimento

destes vocábulos e expressões poderá dever-se ao baixo grau de escolaridade, associado ao facto de as mulheres não estarem integradas no mercado de trabalho (a jovem está desempregada, a adulta é doméstica e a mais velha reformada) e também devido ao papel socio-histórico específico da mulher na comunidade, enquanto os homens inquiridos das faixas etárias B e C (destacados a negrito na Tabela 1) estão integrados na vida ativa (apenas o mais jovem está em situação de desemprego). A maior diferença entre os dois géneros ou sexos ocorre na faixa etária intermédia, em que a mulher conhece 33 vocábulos (82,5%), enquanto o homem identifica 27 (67,5%). Contudo, os dois desconhecem o mesmo número de regionalismos (3). Os homens das faixas etárias B e C são os que apresentam mais significados não documentados dos regionalismos, ou seja, outras aceções não-padrão, seguidos da mulher da faixa C, o que nos leva a considerar não se tratar de novos significados. Quanto aos significados padrão dos vocábulos não identificados como regionalismos semânticos (vocábulos que existem na norma do PE, tendo um significado específico na Madeira, por exemplo *dar um amorzinho*, *poita*, *quinar*, *stique* e *terçol*), o homem da faixa etária B é o que mais respostas deste tipo fornece (3), talvez por trabalhar fora do BN, no Funchal. Seguem-se o homem da faixa A (o mais jovem) e a mulher da faixa B (doméstica), ambos com duas respostas.

Estes resultados correspondem aos apresentados por estudos sociolinguísticos clássicos. Como explica Freitag (2015: 17-18), enquanto as mulheres tendem a ter comportamentos linguísticos simultaneamente conservadores e inovadores, os homens tendem a ser inovadores. Freitag (2015: 32-33) acrescenta que Labov (2001) salienta “o paradoxo gênero: mulheres assumem um comportamento mais conformista do que os homens a normas sociolinguísticas que são abertamente prescritas, mas menos conformista do que os homens quando as normas não são abertamente prescritas”. As pesquisas variacionistas que focam a variável sexo, como as realizadas por Chambers e Trudgill (1980), Labov (1982), Eckert (1989) e Paiva (2003) mostram que as mulheres têm orientado a sua fala para as normas de prestígio, como uma estratégia linguística de promoção social, o que não acontece no caso do nosso estudo, em que as mulheres não estão integradas no mercado laboral. Por isso, Labov (1982) chama a atenção para o facto de a propensão das mulheres para as formas de maior prestígio (da norma padrão) ser limitada às sociedades em que elas desempenham um papel na vida pública, apontando para um resultado contrário quando as mulheres não estão inseridas na vida ativa. Freitag (2015: 44) diz que, quando a hipótese do paradoxo de gênero não se aplica, será melhor “avaliar as outras possibilidades, como a de que a diferença baseada em gênero está

relacionada com a mobilidade e os diferentes papéis sociais que homens e mulheres desempenham em suas comunidades”. Corroborar a sua informação com referência a Chambers (2003: 140), em que as diferenças entre as falas de homens e mulheres não são atribuídas ao género em si, mas aos “contactos sociais ou geográficos, especialmente em situações de contacto linguístico (rural/urbano, línguas de herança, etc.)” (FREITAG, 2015: 45). Sublinha o conceito de “rede social”, que passou da Antropologia para a Sociolinguística, dando conta de “diferentes hábitos de socialização dos indivíduos e de seu grau de envolvimento com a comunidade local” (FREITAG, 2015: 45), fatores extralinguísticos referidos neste estudo.

b) Variável Idade

Esta é uma variável decisiva em quase todas as pesquisas de variação social da língua, para observar se está a ocorrer mudança linguística, neste caso particular no uso dos regionalismos madeirenses, que, geralmente, são mais frequentes na fala dos mais velhos em relação aos outros informantes, o mesmo é dizer que os mais jovens tendem a desconhecer os regionalismos. Constatamos que, como era previsível, são os mais jovens os que mais regionalismos desconhecem, respetivamente 11 (a mulher) e 13 (o homem), face aos informantes da faixa B, que desconhecem 3, e da faixa C, que desconhecem respetivamente 2 (a mulher) e 1 (o homem) vocábulos. Curiosamente, este informante, que trabalha dentro do BN, é simultaneamente o que apresenta mais aceções diferentes das documentadas para os regionalismos e o que menos desconhece estes vocábulos. Freitag (2015: 49-50) refere que “o cruzamento entre as variáveis sexo/gênero e faixa etária mostra que «o comportamento diferenciado do gênero se neutraliza na faixa de 16 a 25 anos, e se acentua na faixa seguinte, de 26 a 35 anos, na qual o perfil masculino fortemente se associa à forma não padrão» (FERREIRA, TENANI, GONÇALVES, 2012: 181)”, revelando também que “as mulheres de faixas etárias mais avançadas são mais conservadoras do que as de faixa etária mais nova” (FREITAG, 2015: 50). Nesta amostra, os homens das faixas etárias A e B são os que identificam menos regionalismos, a par com a mulher mais jovem (da faixa A).

Se compararmos os resultados obtidos para o BN com a área mais ampla da cidade do Funchal (NUNES 2014), verificamos que, como é natural, no bairro, os jovens são os que menos vocábulos reconhecem e, conseqüentemente, os que mais palavras desconhecem. Embora, no que diz respeito ao reconhecimento, o informante 1 apenas conheça menos uma palavra do que o informante 4, estando o informante 3 (adulto) a par

do 5 (mais velho), com 33 vocábulos conhecidos, sendo os inquiridos que mais vocábulos conhecem. Na cidade do Funchal, em geral, a diferença entre os jovens e os menos jovens é mais acentuada no desconhecimento dos vocábulos, enquanto os adultos e os mais velhos estão muito próximos. Como já referimos, a principal diferença entre estes diferentes grupos sociais reside no facto de os informantes do BN, por razões económicas, terem um nível de escolaridade mais baixo, tendo também situações laborais mais precárias do que os inquiridos do Funchal.

c) Variável Escolaridade

O nível de escolaridade tem sido investigado como um dos fatores responsáveis pela apropriação da norma-padrão. No entanto, neste estudo, não se revelou uma variável importante, a não ser na comparação com os informantes da área mais vasta da cidade do Funchal (NUNES 2014), na medida em que os inquiridos do BN têm um nível de escolaridade inferior, como já referimos, por razões socioeconómicas.

d) Variável Localidade

A localidade, ou seja, o fator geográfico de origem rural ou urbana dos informantes e dos seus ascendentes, nomeadamente pais e avós, na sua maior parte provenientes de concelhos rurais da ilha da Madeira, foi considerado tanto neste estudo como no da cidade do Funchal (NUNES 2014). Nos dois casos, os falantes com naturalidade rural ou com contactos linguísticos com áreas rurais conhecem mais regionalismos do que os outros. Assim, o informante 2 do BN é o que mais vocábulos desconhece (13), provavelmente por não ter contactos linguísticos com o meio rural, tal como a informante 2 do Funchal, que desconhece 19 palavras e expressões (NUNES 2014).

No caso da palavra *tratuário*, por exemplo, comparando as respostas dos informantes do BN com as do Funchal (NUNES 2014), apenas o jovem natural do Estreito de Câmara de Lobos (que vive há dez anos no Funchal) desconhece a palavra. Apesar de ser um informante jovem, levanta a questão de ser um vocábulo mais citadino do que rural, por existirem passeios sobretudo nas cidades. Por isso, decidimos observar os resultados obtidos para este vocábulo dos 42 informantes do BN, uma vez que grande parte dos seus residentes tem naturalidade rural, sobretudo os mais velhos. Aferimos que 4 jovens (com naturalidade dos pais de Câmara de Lobos e do Funchal), em 15, desconhecem o vocábulo. Todos os 11 informantes da faixa B (adultos) conhecem e 7, em 16, da faixa C (os mais velhos) desconhecem, sendo a naturalidade dos pais de zonas

rurais, o que, no entanto, também acontece com alguns dos 9 que conhecem a palavra, o que mostra bem a complexidade deste tipo de estudo.

Concluimos que alguns vocábulos estudados apresentam várias aceções, com significados regionais específicos, no caso dos regionalismos semânticos, geralmente por analogia ou extensão semântica, e diferentes formas fonéticas ou variantes, provavelmente por serem característicos da língua falada. A variação lexical e semântica ou variação linguística dos regionalismos madeirenses está correlacionada com fatores extralinguísticos, geográficos e socioculturais: as variáveis sexo, idade, escolaridade e localidade, revelando a complexidade deste tipo de estudos. Assim, observamos que as mulheres das três faixas etárias conhecem mais regionalismos do que os homens, tendo um comportamento linguístico mais conservador ou conformista, o que se explicará pelo seu papel social tradicional na comunidade e pelo facto de não estarem inseridas na vida ativa ou pública. Quanto à variável idade, como era de esperar, os falantes mais jovens são os que menos regionalismos conhecem. No que concerne à variável escolaridade, esta não se revelou relevante, bem como o fator localidade, pelo facto de não existirem diferenças significativas entre os informantes.

Posto isto, este pequeno estudo dialetal com contributos da sociolinguística, a que chamámos variação sociocultural de alguns regionalismos madeirenses na comunidade de fala do BN, na periferia do centro da cidade do Funchal, apresenta regionalismos lexicais e semânticos cujo conhecimento depende de fatores socioculturais e geográficos, a localidade de origem ou naturalidade dos falantes. Estes vocábulos e expressões são uma marca de identidade regional e sociocultural dos madeirenses, geralmente com origem rural e popular, constituindo um património linguístico-etnográfico a preservar.

Bibliografia

- BARCELOS, J. M. Soares de. (2008). *Dicionário de Falares dos Açores. Vocabulário Regional de Todas as ilhas*. Coimbra: Almedina.
- CALDEIRA, Abel Marques. (1993). *Falares da ilha. Dicionário da Linguagem Popular Madeirense* (2ª edição). Funchal: Eco do Funchal.
- CHAMBERS, J. K. e TRUDGILL, Peter. (1980). *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHAMBERS, J. K. (2003). *Sociolinguistic Theory*. 2. ed. Oxford: Blackwell.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.

- DIAS, Jorge. (1984). *Problemas de método em estudos de comunidade*. Covilhã: Centro Cultural da Beira Interior (Coleção Cadernos do Animador, nº 1).
- ECKERT, P. (1989). *Jocks and burnouts: Social categories and identity in the high school*. New York: Teachers College Press.
- FREITAG, R. M. Ko. (2015). (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In R. M. K. Freitag e C. G. Severo (Eds.), *Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira* (pp. 17-74). São Paulo: Blucher.
- GUY, G. (2001). As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. Abralin. http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf (consultado a 15 novembro 2015).
- LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, W. (1982). Building on empirical foundations. In W. Lehmann e Y. Malkiel (Eds.), *Perspectives on Historical Linguistics* (pp. 17-92). Amsterdam/Phila: John Benjamins.
- LABOV, W. (2001). *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell.
- MARQUILHAS, Rita. (2002). Língua, comunidade linguística, variação e mudança. In *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: Ministério da Educação.
- MATEUS, M. H. M. e CARDEIRA, Esperança. (2007). *Norma e Variação*. Coleção O Essencial sobre a Língua Portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho.
- NUNES, N. N. (2014). Variação social e vitalidade de alguns regionalismos madeirenses no Português falado na cidade do Funchal. In *Confluência*, 46 (1º semestre), 335-370.
- PAIVA, M. Conceição de. (2003). A variável gênero/sexo. In M. C. Mollica e M. L. Braga (Eds.), *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação* (pp. 33-42). São Paulo: Contexto.
- PESTANA, E. A. (1970). *Ilha da Madeira. II Estudos Madeirenses*. Funchal: Câmara Municipal do Funchal.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. <https://www.priberam.pt/DLPO/> (consultado a 30 janeiro 2016).
- REBELO, Helena e NUNES, Naidea. (2016). Regionalismos madeirenses. Aprender Madeira. <http://aprendermadeira.net/regionalismos-madeirenses/> (consultado a 22 setembro 2019).
- SANTOS, M. F. S. (2013). *À Luz das palavras quase esquecidas. Contributo para o estudo dos regionalismos na Ponta do Sol* (Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais). Universidade da Madeira.
- SILVA, F. A. da. (1950). *Vocabulário Popular da Madeira*. Funchal: Junta Geral do Funchal.
- SOUSA, Luís de. (1950). *Dizeres da ilha da Madeira: Palavras e locuções*. Funchal: Casa Figueira.